

Ex. Sociedade Martins Sarmento
Quin

Preço da assignatura

Anno	800 rs.
Semestre	400 »
Numero avulso	40 »

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a sede da redacção e administração, ao —Director de O Baluarte: Largo da Oliveira, n.º 6—GUIMARÃES.

EDITOR RESPONSÁVEL,

Antonio de Castro Martins

O BALUARTE

PERIODICO QUINZENAL

ORGÃO DO CÍRCULO CATHOLICO D'OPERARIOS, DE GUIMARÃES

Preço das publicações

Annuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 »
No corpo do jornal	100 »

Os srs. assignantes e socios do Circulo gosam do abatimento de 50 % nas suas publicações.

OFFICINA D'IMPRESSÃO,

Typ. Minerva Vimaranesse



Anno novo—Vida nova

Entre os povos cultos é costume antigo festejar a entrada d'um novo anno. Abençoada usança!

No lar domestico dos grandes e dos pequenos ha as alegrias do lar satisfeito; entre os que vivem a distancia ha os cumprimentos e as saudações com que mais e mais se apertam os suaves laços da amizade.

Santo é o sentimento da amizade!

E não menos santos são os motivos, que, como os cumprimentos do *anno novo*, mais a estreitam entre os homens!

A amizade não é o simples trato, que todos os momentos se observa entre o commum da grande familia humana. E' uma afeição especial entre dois ou mais individuos, que se estimam de especial modo; é uma attracção de dois ou mais corações, que se escutam, se entendem e se auxiliam nesta vida, que ora é de fortuna prospera, ora de fortuna adversa.

No trato vulgar da vida, por uma simples afeição, os homens observam a benevolencia. Mas a amizade, a verdadeira amizade, vaé mais alem: dá forças até para heroismos. Aquella realiza-se no geral dos homens; esta chega a unir amigos nos maiores perigos da vida, como foram os dois amigos syracusanos, que entre si disputaram junto do cadafalso qual d'elles havia de morrer pelo outro, e cujos nomes a historia archivou n'uma de suas mais formosas paginas, para que fôssem reverenciados por toda a posteridade.

E', pois, a amizade um grande bem da humanidade.

Abençoadas sejam, por isso, todas as festas do calendario, que, como a do *anno novo*, a recordam e a estreitam mais entre os homens.

Já é muito que a festa, que hoje celebramos, una os vinculos da amizade entre os homens; mas não é tudo. E' necessario tambem que o principiar do anno novo seja o inicio d'uma *vida nova*.

Ha entre os homens quem não cumpra para com Deus e os homens os santos mandamentos da lei de Deus, quem aborreça as obras de misericordia e quem prosiga na vida velha de infelicitar a patria, que tanto necessita da cooperação de todos os homens de boa vontade.

E' necessario reformar no que for defeituosa esta vida velha, é necessario arrepiar caminho e entrar na estrada real d'uma *vida nova*, que para ahi se evangeliza e que nunca se inicia com o desassombro dos corações bem formados e das almas generosas.

E' necessario que não sejamos qual sinistra gralha, que todos os dias anda de ramo em ramo entoando o seu monotono e latino *cras! cras! cras!*, como quem diz: *amanhã! amanhã! amanhã* me converterei! sendo todavia certo que este dia, este *amanhã* ou nunca chega, ou só tarde, muito tarde chegará a ser o primeiro dia da reforma dos costumes individuaes e sociaes.

ra diante, olho eu para traz. Todos festejam o novo rei, e eu, não sei por quê, só penso naquellé que o tempo acaba de envolver na sua mortalha.

O que findou, sei eu o que foi, e o que me deu; o que começa, apresenta-se-me cercado de todas as ameaças do incognito. Que sahirá das nuvens que o envolvem? Tempestade ou bonança?

Por em quanto chove; e eu sinto o coração tão negro, como o horizonte.

.....
Todos trocam hoje presentes e felicitações, só eu, nada tenho que dar, nem que receber. Pobre e solitario, nem ao menos conheço um ente preferido, pelo qual possa formar votos!

Vão pois os meus desejos de bom anno procurar todos os amigos incognitos, perdidos ou dissimulados entre a multidão, que gira, e se agita por esse mundo.

Primeiro, sejam dirigidos a vós, eremitas das cidades, a quem a sorte e a pobreza collocou na solidão, não obstante a multidão que vos rodeia! trabalhadores melancolicos, condemnados a comer silenciosos e abandonados o pão ganho cada dia, á custa de fadigas e suor; e a quem Deus encheu das pungentes angustias do amor, ou da amizade!

A vós, almas pensadoras e sensiveis, que percorreis a estrada da vida, com os olhos fitos em alguma estrella polar, calcando, com indiferença as ricas messes da realidade!

A vós, corajosos e honrados pais, que prolongaes vossas vigílias, para sustentar a familia que Deus vos confiou.

A vós, pobres viúvas, que junto d'um berço, regaes o trabalho com lagrimas! A vós, pertinazes mancebos, que insistis em abrir na carreira da vida, uma estrada bastante larga, para por ella conduzirdes a mulher digna da vossa escolha! A vós todos, valentes soldados, do trabalho e do sacrificio!

A vós todos, emfim, quaesquer que sejam vossos titulos, nomes, ou posições, que amaes tudo o que é bom e justo, que vos compadeceis dos que soffrem, e caminhaes no mundo, como a virgem symbolica de Bizancio, com os braços abertos as genero humano.

Emilio Souvestre.

De "Um philosopho nas aguas fortadas."

Predicados

Dissemos que a acção catholica para colher fructo, e chegar ao seu *desideratum* tinha de ser sobre-

natural, generosa, soffredora, constante.

Explicuemos:

Sobrenatural. Deve ter o espirito, a luz, o auxilio, a força de Deus, que nunca se alcança senão com a oração.

E' preciso primeiro do que tudo orar, orar como os santos, orar com fervor, com humildade, com perseverança.

As suas obras foram perduraveis, resistiram á acção dos tempos, ao furor dos tyrannos, á violencia das paixões, ao poder dos inimigos, por que na oração as cimentaram, na oração se fortaleciam.

Suba de continuo a nossa prece ao ceu, rogando ao Senhor valôr para os defensores da Igreja, para todos os que militam pelo seu triumpho.

Quem não poder fazer mais, faça isto, e já faz muito.

Generosa. Deve o catholico que está no campo da acção desentranhar-se em donativos e offerendas. Dar do seu dinheiro, dar da sua intelligencia, do seu talento, da sua actividade, de tudo o que lhe pertence, e que de algum modo pode concorrer para o bem religioso, social e moral da humanidade.

Uma alma mesquinha, acanhada, incapaz de rasgos, nunca pode ir longe com a sua acção.

Soffredora. Quem não for capaz de sacrificios não pode ser considerado catholico militante.

Temos de arrostar com todas as difficuldades, vencer todos os obstaculos, afastar todos os empecilhos, realizar impossiveis, humanamente fallando.

Se não tivessem sido homens de sacrificios os apóstolos, todos os heroes do christianismo, a religião não teria contado tantos triumphos, não veria tremular o estandarte da cruz em todo o globo.

Para grandes empresas, heroicos sacrificios. Foi assim em todo o tempo. E não ha empresa maior do que aquella em que estamos empenhados — fazer face ao erro, combater as paixões, e attrahir os espiritos para a virtude.

Constante. E' hoje, é amanhã, até ao fim da vida que temos de lutar.

O inimigo não repousa na sua faina destruidora. Ai de nós, se por um momento sequer deposemos as armas, cruzassemos os braços!...

Temos de ser constantes na luta, constantes no sacrificio, constantes na generosidade, constantes na oração, para depois, transportados os umbraes da eternidade, podermos dizer:

Haec requies mea, hic habitabo in saeculum saeculi.—Neste descanso ficarei eternamente.

O SAGGITARIO.

O "Apostolado da Boa Imprensa", annexo ao Circulo Catholico d'Operarios, distribue gratuitamente 500 exemplares de cada numero de O Baluarte, pelos operarios do Circulo.

O dia de anno bom

1.º de Janeiro. — Logo que acordei, me veio ao pensamento esta data. Mais um anno solto da cadeia das edades, e sumido no abysmo do passado! A multidão apressa-se a festejar o recém-nascido; e em quanto todos olham pa-

Missa nova

Em dia de Natal celebrou a sua primeira Missa o rev.^{mo} Padre Sebastião Luis d'Araujo Gomes, que n'esta cidade gosa de geraes sympathias, pela honestidade do seu caracter, pela lhanêza do seu trato e pelo seu porte sempre correcto e digno.

Regorgitava de fieis a capella de S. Domingos, onde se realizou, com grande pompa, o incremento Sacrificio do Altar.

Ao Evangelho subiu ao pulpito o rev.^{mo} Manuel Lopes Martins, muito illustre e digno Abbadê de S. Martinho de Penacova e vice-presidente da Camara Municipal de Felgueiras.

E' o rev. Abbadê Lopes Martins um verdadeiro rouxinol da eloquencia, como o appellidou um abalidado mestre da oratoria sagrada.

A proposito diremos que está no espirito de muitos deixarem-se da toleima de querer á fina força trazer para as grandes festas de Guimarães, oradores de fóra. Eu não digo que se não procurem, antes me parece muito louvavel que uma vez ou outra, se tragam oradores novos a Guimarães; quero dizer, ainda não ouvidos aqui; mas não nos devemos deixar obcecar por esta ideia. Lembremo-nos de que oradores como o rev. Lopes Martins não apparecem onde quer: o nosso presadissimo amigo e illustre patricio é distincto entre os oradores mais distinctos.

Demoron perto de uma hora o sermão da Missa cantada, em que ministraram as lavandas os snrs. João d'Araujo Gomes, pae do novel sacerdote; dr. João Martins de Freitas, presidente do Circulo Catholico d'Operarios; e José Ferreira Ramos, filho do estimado e acreditado negociante snr. Antonio Ferreira Ramos.

Serviram de padrinhos os ex.^{mos} snrs. Conego dr. Aarão Pereira da Silva, distincto professor do nosso lyceu e Padre Francisco Peixoto de Lima, mestre de ceremonias na Insigne e Real Collegiada.

Terminada a Missa, numerosas pessoas se dirigiram á sacristia para felicitar o novel sacerdote, que a todas recebeu com primores de agrado, e a todas convidou para assistirem a um delicioso copo d'agua, que foi servido no Grande Hotel do Toural. Ao rev.^{mo} Sebastião Luis d'Araujo Gomes e a todos a sua estremosa familia foram erguidas as mais sinceras, calorosas e entusiasticas saudações.

Digne-se o novo lévita e sua ex.^{ma} familia acceptar a expressão das nossas cordiaes felicitações.

Entre nós

Encontra-se entre nós, em gôso de ferias de Natal, o Ex.^{mo} Snr. Agostinho Dias de Castro, muito digno e benemerito vice-presidente do Circulo Catholico d'Operarios d'esta cidade, e distincto alumno do primeiro anno de theologia no seminario conciliar de Braga.

Que sua excellencia tenha optimas ferias é o que do coração lhe appetecemos.

O nosso folhetim

Em virtude d'um pequeno lapso de composição, havido no folhetim do numero passado do nosso periodico, distribuímos hoje, em separado, o folhetim correspondente áquelle numero.

CARTA ABERTA

Meu querido padrinho:

Que mal te fiz eu, pobre de mim, tão pequenino ainda, para que me desprezes, a ponto de nem sequer em dia de Natal, dia tão exuberante de alegria! me concederes a tua benção? Pois não foste tu, que ora pareces engeitar-me sem dó, quem, cheio de caricias, me lavou a carinha na água lustral? Não foste tu quem, em substituição do nome, que meu

pae me queria pôr — O Despertar — me deste o mil vezes mais bonito de O Baluarte, para que eu tal o fosse, inexpugnável, na defeza da Fé catholica e do sacratissimo amor da Patria? Que insólito proceder é esse, o teu, meu bom padrinho? Não te doe o coração de golpeares o meu, que tanto te quer, com tão atroz indifferença?

Sê, pois, humano: abre o cofre das tuas graças, não para que eu te peça o enxoval, que já o amanhei consoante pude, mas para que me dês a vivificante luz do teu refulgente espirito, que a ninguém deves negar, e muito menos ao teu

afilhado, que muito te ama,

O BALUARTE.

P. S. Perdoa! mas, se me não respondes á feição, tanto me irritas, que muito receio de vir a ser um atrabiliario indomavel, e depois...

Tem portanto cautela, meu bom padrinho: vê lá bem que a resposta seja justa e sensata.

As greves

O Rev.^{mo} Padre Ugarte escreveu, em O Mensageiro do Coração de Jesus, de Bilbao um formoso artigo, a que pertencem os paragraphos seguintes:

«A greve dos patrões e dos ricos consiste em negarem-se a cumprir a obrigação de ser util aos pobres, de administrar o superfluo para os pobres, de velar pelo bem moral e material dos pobres. Que coisa mais frequente não é o abusar-se dos operarios, dos creados, dos trabalhadores, dando-se-lhes pouco salario, obrigando-os a um trabalho incessante, privando-os dos dias de festa, e descuidando-se por completo a sua instrução e educação? Quantos ricos se occupam das necessidades dos seus subordinados? Ha, é certo, uns quantos, que apenas chegarão a uns 2 ou 3 por

100 dos ricos, que se interessam pelos pobres, que lhes assistem, que os soccorem e educam, e aconselham e amam. Ha 2 ou 3 por 100, e não dos mais opulentos, que não se declaram em greve e continuam firmes no seu posto, promovendo o bem dos pobres, sustentando um trabalho quasi superior ás suas forças. Mas, que fazem os demais? Que fazem os outros 97 ou 98 por 100? Estão em greve permanente, accumulando mais e mais capital, como se todo o mundo fóra para elles, ou consumindo em proveito proprio, em prazeres e caprichos e faustuosas vaidades o que Deus lhes dá para os pobres. Abandonam o seu posto de tutores, directores, administradores e paes dos pobres, e, despresando a sua nobre missão, vão gastar a manhã no passeio, a tarde no café, a noite no theatro ou no baile, a vida na ociosidade, na galantaria, no sport de competencias a vêr quem veste, e vive, e come, e se diverte com mais luxo, esbanjando capitães immensos em moveis, trapos, joias, flores e divertimentos, com a mesma tranquillidade e alegria com que uma creança faz bolinhas de sabão, que se vão destruir nos ares. Não espereis que tal gente pense nos pobres. Nem os veem, nem os conhecem, nem quasi sabem, que ha pobres. E por isso é que

As greves dos ricos engendram as greves dos pobres

Os ricos dizem: — Nós não lhes queremos dar o superfluo das nossas rendas. Os pobres respondem: — Tampouco nós lhes queremos dar o superfluo das nossas forças.

Os ricos dizem: — Nosso é o nosso dinheiro. Os pobres respondem: — Nosso é o nosso trabalho.

Os ricos gritam: — Não podeis reclamar com justiça o nosso dinheiro. Os pobres respondem: Com justiça não podeis também reclamar o nosso trabalho.

Os ricos clamam: — Tendê prudencia e caridade, sêde razoaveis: attendei aos prejuizos que nos causais. E os pobres respondem: —

Tende vós também prudencia e caridade, sêde também razoaveis: — attendei aos males que nos causaes, pois não nos dais nem meios, nem tempo, nem possibilidade de dos educarmos e de educar nossos filhos. Por culpa vossa, estamos convertidos nuns atheus selvagens, sem termos outra religião, outra moral e outra politica, que não seja gritar contra os patrões e os burgueses.

Emfim, os ricos, desesperados, berram: — Pois ides paga-las, á fina força. E os pobres, mais desesperados ainda, exclamam: — Bem mais duramente o ides pagar vós, pois nada temos nós que perder, em quanto que podemos fazer parar as vossas fábricas, incendiar as vossas habitações, destruir as vossas fazendas».

A egualdade

Segundo conta o «Messenger de Valence», numa pequena aldeia do departamento de Drome (França) occorreu a seguinte curiosa aventura:

«O individuo, que dava aos folles do orgão da igreja, pobre diabo duma ingenuidade pasmosa, a quem haviam mettido no caco que os homens eram eguaes em tudo e para tudo, interrogou certo dia o Snr. Cura, d'esta maneira:

— Senhor Cura? — disse, revolvendo nas mãos o chapéu, com ar encolhido.

— Que ha, Pedro?

— Ha... ha... Snr. Cura, uma coisa que me parece mui contraria ás leis da egualdade.

— Explica-te, Pedro.

— Sim, — disse este, cobrando animo, — estar uma pessoa a fazer inchar e desinchar os folles do orgão, é tarefa summamente pesada, Snr. Cura, e muito mal retribuida: 100 francos tão só, por anno!... em quanto que o Snr. Talbert (era o organista) — ganha 1:200 francos!

Eu esfalfo-me de todo: zãs para a direita e zãs para a esquerda, e

começaram a tomar uma boa fartadella do saboroso fructo.

Mas eis que chegam os outros! Então aquillo não foi nada! Apenas avistaram os melros no poleiro, deitaram a correr para a arvore, e, de voz em grita: Abaixo! Já p'ra baixo, seus malandros! disseram todos, enfurecidos.

— Esperai por isso... estamos aqui muito bem, retorquiram os de cima, continuando a comer com fleugma. A arvore é nossa.

— E também nossa, atalharam raivecidos os de baixo. E para prova, começaram a arremessar pedradas. A's primeiras pedras, os de cima não fizeram nenhum caso, mas quando ellas foram succedendo-se de cada vez mais vertiginosamente e crescendo de tamanho, então encheram-se de coragem, precipitaram-se abaixo da arvore, e deram começo á batalha campal, a mais encarniçada de que se pode fazer idea.

pardaes são bastante socialistas. Tendo chegado a epoca de fazer seus ninhos, lembraram-se de que o abrunheiro era de todos, e por conseguinte, disseram: vamos a elle!

Porem a rapaziada que soe, em regra, ser ainda mais socialista do que os proprios pardaes, ao ver os ninhos d'estes, exclamou: ninhos?! ó que pechincha! tóca a tirá-los!

Então começou para o pobre abrunheiro o segundo martyrio: folhas, ramos, fructo, tudo veiu a terra, em pedaços. Por fortuna para a arvore, o que ainda valeu foi cahir também um rapazote, que, ao dar o trambolhão, quebrou uma perna. Levantou este acontecimento enorme celeuma; e quem desde logo pagou com as favas foi o tio Broculi, a quem os paes do moçalvete não mais puderam ver, nem tragar.

— Tio embusteiro, lhe diziam, se você não se houvera mettido em panto-

sempre de pé, ao passo que o Sr. Talbert está commodamente sentado, e nada mais faz do que mover os dedos, como sobre uma mesa. E' isto o que se chama egualdade, Sr. Cura?

—De modo que tu querias?...

—Sim, Sr. Cura, que o meu ordenado augmentasse...

—Quem sabe, Pedro, talvez tenhas razão. Reflexionarei sobre a petição que me fazes.

Poucos dias depois, reatou-se a conversação:

—Pedro, disse o Sr. Cura; falei da tua pretensão ao Sr. Talbert.

Concorda elle plenamente em que a tua situação não é conforme com as regras da egualdade. Elle está em pleno goso de juvenilidade, ao passo que tu vais avergando ao peso de adiantados annos; deve, por isso, o teu trabalho ser mais suave do que o dellê. Eis pois o que te propõe: ficar elle a desempenhar o teu officio de folleiro, e tu o d'elle de organista; d'esta sorte, nada mais terás do que mover os dedos, e estarás commodamente sentado.

—Mas, disse Pedro um tanto perturbado, eu não sei mover os dedos.

—Ah! replicou o Cura, simulando uma estupefacção profunda, então o caso é muito differente!.. Mas, quem se houvera de persuadir de que tu não soubesses mover os dedos como o Sr. Talbert? Isso é inteiramente contrario ás regras da egualdade!

E eis a razão por que Pedro não obteve augmento de salario.

Miscellanea

La Epoca, jornal de Madrid, escreveu em maio de 1883, na occasião dos reis de Portugal estarem em Madrid, o seguinte:

«Em 1870 o general Saldanha sublevou uma noite alguns regimentos, e, à frente d'elles foi ao Paço, fez abrir as portas e penetrou tumultuosamente até à cama-

ra do rei, exigindo-lhe a destituição do ministerio (o presidido pelo duque de Loulé) e a nomeação de novos ministros!

Antes de retirar-se o general, depois de ver realizados os seus desejos, quiz, como homem que se diz cortezão, offerecer os seus respeitos à rainha. Eram 4 horas da manhã; porem, apesar da hora, atreveram-se, em razão das circumstancias criticas, a chamar S. Magestade. A rainha estava levantada, e quando viu Saldanha na sua camara, sem responder á sua saudação, disse:—General, se eu fôra aqui o amo, o novo sol illuminaria o vosso fuzilamento. Agora, a esposa do rei D. Luis não pôde senão desejar muito acêrto ao novo ministerio. O seu semblante pallido inclinou-se em seguida um pouco, emquanto a vista indicava a porta por onde sahio o general. não muito satisfeito com esta última scena do seu triumphal passeio militar.»

Os cinco modos de rir

As differentes maneiras de rir foram estudadas por um sabio francês, o qual afirma que ha cinco classes distinctas, correspondentes ás cinco vogaes.

Além d'isto, os risos em *A*, *E*, *I*, *O* e *U* estão em intima relação com cinco caracteres moraes, completamente diversos. Um riso em *A* denota um caracter franco, leal e nobre: é o riso característico das pessoas que gostam de ruido, de movimento, e que estão contentes com a vida. O riso em *E* é mais proprio dos temperamentos fleumaticos. Os que riem em forma de *I* são sempre gente de boa indole e innocente: é o riso das pessoas simples e das creanças. E' o *O* a vogal propria do riso dos heroes. Finalmente o riso em *U*, o menos frequente de todos, está reservado para os misantropos.

Efeitos do vinho

Um antigo manuscrito arabe faz a seguinte pintura dos efeitos do vinho:

Quando Noé plantou a vinha, Satanaz a regou com o sangue de um pato real; quando brotaram as folhas regou-as com o sangue de um macaco; quando se formaram os cachos os regou com o sangue de um leão; e quando amadureceram as uvas as regou com sangue de porco.

A vinha, impregnada do sangue d'estes quatro animaes, tomou os seus differentes caracteres. E assim, o que bebe o primeiro copo de vinho, sente circular o seu sangue com mais animação, a sua vivacidade se augmenta, o seu rosto cõra, e em tal estado semelha um pato real. Quando os vapores de vinho começam a subir-lhe á cabeça, e a excita-lo, alegra-se, salta, e faz momices como um macaco. Quando começa a embebedar-se, enfurece-se como um leão.

E finalmente, quando a embriaguez é completa, cae no chão, e dorme como um porco.

O PETARDO

—Ouve lá, ó Luis?: aquelle gordofas, que acolá está, não te parece um doido varrido?

—Parece, sim, pelos tregeitos e esgares que está a fazer... mas posso garantir-te que é tão atinado como tu.

—Porque dizes?...

—Pois tu não repáras? O homem do homenzinho está a ler O Petardo...

—Oh! lá isso então...

—E tu, já viste o último numero desse primoroso jornal de caricaturas, que é o de maior tiragem em todo o Portugal?

—Vi, sim; mas, se és meu amigo, não me fales em semelhante diabo...

—Diabo?! O Petardo! Essa agora é que é de cabo de esquadra!...

—Pois então que queres que eu lhe chame? Esse mafarrico, também a mim, quasi me fez rebentar a rir... Tem laracha, que é de racha... e só em me lembrar... Ah! Ah! Ah!...

—Cala-te p'ra'hi, homem de Christo! Deixa, que hei de escrever para o —Outeiro Grande— Torres Novas— ao P. Benevenuto de Sousa, director de O Petardo, pedindo-lhe que mande fechar um pouco as torneiras da pilheria...

—Não, homem! pelas almas, não lhe peças semelhante coisa. O Petardo, assim, está exactamente como se pretende... E' mesmo uma perfeição... Ah! Ah! Ah!...

“E' d'uma importancia suprema publicar e divulgar por toda a parte bons escriptos... E' necessario que os fiéis, se desejam sinceramente ver prosperar os negocios religiosos e politicos, não deixem nunca de sustentar, pela sua liberalidade, as obras da imprensa, e que cada um contribua para ellas na medida dos seus haveres...”

Leão XIII, Encyclica de 15 fevereiro de 1903.

ANNUNCIOS

J. Cunha Machado

Medico-cirurgião

Consultas diarias das 9 ás 11 horas da manhã e das 12 á 1 da tarde.

Rua de Payo Galvão
(Antiga Pharmacia Mourão)

Manteiga garantida

Fabricada na quinta de Carreiro —Infantas— pelos processos mais modernos adoptados na Escola Agricola de Santarem, de que o distincto agronomo o Ex.^{mo} Sr. João Motta Prego é mui digno Director.

Dum palladar agradável e de uma puresa incontestavel desde já se encontra á venda em casa do Sr. Bernardino Jordão á Praça de D. Affonso Henriques, em casa do Sr. Oliveira & Silva ao Tournal e em casa do Sr. Antonio d'Araujo Salgado no Tournal.

mimas, não estaria a estas horas o nosso pobre pequeno com a perna quebrada.

Quem ha de pagar agora ao medico e á botica, ha de ser você.

—Que pague o povo, meus filhos! exclamou o tio Broculi com o seu sorriso velhaco. O abrunheiro não é meu.

Os paes do rapazelho recorreram então ao povo, procurando, mas debalde, quem satisfizesse as despesas. De ninguem era o abrunheiro!

Proseguia no entanto o calor de cada vez mais intenso. E, como a natureza é luxuriante, o abrunheiro, bem que estava muito danificado, principiou ainda assim a dar algum fructo. Era de ver então todo o mundo pressuroso a

dizer que os abrunhos eram seus! E tanta era a pressa havida em os colher, que nem sequer lhes davam tempo para amadurecer. Em vista d'isto, algumas pessoas, querendo pôr cõbro ás successivas desordens, foram ter com a auctoridade administrativa, exposaram o caso, e pediram-lhe que mandasse deitar pregão, fazendo constar que tão somente seria permitido colher abrunhos em dias de festa, ficando os dias de semana para dar tempo a que a fructa sazouasse em modos.

—Como pode ser lá isso! exclamou aquella parte do povo mais avançada em ideias. Com que direito nos quer prohibir o snr. administrador, de comer-mos, quando muito bem nos appetecer, aquillo que é muito nosso? Ora também queremos ver quem é que se atreve a não nos deixar comer abrunhos! E lá foram, no dia seguinte, os mais arruaceiros; treparam á arvore, e